



O BIZARRO DA NOTÍCIA NO DISCURSO WEBJORNALÍSTICO SOBRE O BIZARRO

Renata Marcelle Lara Pimentel¹

O texto noticioso na *web* motiva investigações, em perspectivas diversas, que se voltam ao “repetível” e ao “diferente” nesse espaço de circulação *online*, explorando tanto a textualização verbal quanto a imagem, na produção e sustentação da notícia. As “novas tecnologias” levaram a uma corrida não só ao uso/usufruto desse arsenal como a uma necessária adequação e (tentativa de) explicação, tanto técnica quanto científica, para esse “novo”. Discursivamente, também se multiplicam os estudos que se interessam pela tecnologização textual/discursiva, seja com foco na palavra verbalizada, nas imagens ou em seu conjunto.

Tomando a *contradição* como disputa inevitável à instauração de um sentido em relação a/na relação com outros, este trabalho realiza um recorte nesse cenário da *web* e do “novo” da/na *web*, explicitando nos entremeios do *mesmo* e do *diferente*, naquilo que se apresenta como novidade, o processo que sustenta o efeito notícia na editoria “Planeta Bizarro” do site *G1* – O Portal de Notícias da Globo. Mais especificamente, ao se tematizar “O bizarro da notícia no discurso *webjornalístico* sobre o bizarro”, como parte de explorações (perspectiva pecheutiana) do discurso (do) bizarro na mídia, busca-se analisar a notícia sobre o bizarro, em sua abordagem discursiva, de modo a compreender de que forma ao noticiar o que se apresenta como sendo o bizarro *na* notícia se constrói/sustenta o bizarro *da* notícia como parte do discurso bizarro midiático².

Condições de produção do discurso (bizarro)

Retomo uma discussão básica em Orlandi (2001, p. 12) quando afirma que “os sentidos são como se constituem, como se formulam e como circulam”. Considerando as condições de produção do discurso *webjornalístico* sobre o bizarro, mais especificamente no site *G1*, editoria Planeta Bizarro, tomo a circulação, a formulação e a constituição como participantes do sentido da notícia (como) bizarra.

O cenário da *web* oferece, no caso do “Planeta Bizarro” do *G1*, um acesso a tal noticiabilidade que não requer assinatura ou registro/cadastro do internauta. A navegação por tal site/editoria também não levanta, por si, suspeitas a possíveis gostos duvidosos de quem navega. Trata-se de um lugar de/ao dizer autorizado, institucionalizado, que se marca como jornalístico, informativo, mesmo que a editoria em questão tenda ao entretenimento. Até porque o próprio jornalismo incorpora o entretenimento como parte de sua programação informativa. Desta forma, o acesso à notícia bizarra, nessas condições de produção, não cria rótulos ao internauta. O estranho

¹ Doutora em Linguística pela Unicamp. Profa. do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Membro dos Grupos: Gepomi – Grupo de Estudos Políticos e Midiáticos (UEM); Discurso, ciência e historicidade (Univás); O discurso nas fronteiras do social: diferentes materialidades significantes (Unicamp).

² Sobre explorações do termo bizarro, cf. Pimentel (2011).



não se inscreve na sua procura por esse tipo de notícia, tampouco na forma de acesso a ela ou mesmo no sujeito internauta, mas reforça o estranho *na* notícia, ou seja, no evento/fato ou sujeito noticiado, diferente dos efeitos de sentido produzidos ao se percorrer determinados sites significados socialmente como desviantes, masoquistas, sadistas, imorais, entre outros³.

No formato notícia, o evento/fato ou sujeito noticiado é o cerne do bizarro, como efeito; figura como o bizarro em si, maciço. Ao se direcionar o olhar para o conteúdo noticiado, como se fosse a própria realidade, tal como se mostraria, a forma de estruturação da noticiabilidade se apaga, invisibiliza-se na produção de sentidos do bizarro. O modo de produção do efeito é diferente se compararmos com os sentidos da notícia tida como sensacionalista, embora o que resulte desses funcionamentos discursivos seja igualmente sensacional(ista) na notícia taxada de bizarra e de sensacionalista.

Enquanto na notícia conhecida como sensacionalista o efeito de sensacional se construa e resulte *na/da* forma como o evento/fato/sujeito é tratado no texto verbal e visual, na notícia sobre o bizarro é no apontamento demarcado ao fato/sujeito/evento que o efeito bizarro advém. Ou seja, para que o sentido bizarro seja possível, o processo de construção da notícia precisa ser invisibilizado, apagado, não interrogado, de modo que o olhar se concentre no conteúdo como fato/evento ou sujeito da noticiabilidade. É assim que o bizarro se sustenta como a coisa/sujeito em si noticiado e não levante questionamentos para o como fazer jornalístico e como esse fazer produz o efeito bizarro.

Na notícia denominada sensacionalista, o sensacional é produzido justamente no funcionamento do exagero/hipérbole, excesso, choque da forma de dizer o dizer, sem que, necessariamente, se questione sua veracidade. Na notícia que diz o bizarro, para que o dizer *sobre* se mantenha desvinculado do que está sendo dito, ou seja, para produzir independência do dizer com o modo de se dizer, é preciso validar independência do fato/evento/sujeito como bizarros. Para isso, a forma bizarra de se dizer, apagando, silenciando determinados sentidos e se (super)visibilizando outros para que o bizarro se cole ao sujeito/evento/fato, desvinculado-se do processo, das condições de produção desse bizarro, não pode ser vista, sequer interrogada. O bizarro *na* notícia (dizer *sobre* o bizarro) se sustenta no conteúdo, como efeito. E para que o conteúdo continue sendo bizarro, o bizarro *da* notícia (forma de dizer o conteúdo), ou seja, sua forma de construção bizarra, precisa ser invisibilizada.

Trajetos em construção

O *corpus* inicial investigado em torno do bizarro *na/da* notícia foi construído a partir de um recorte de notícias que foram veiculadas na segunda quinzena de novembro de 2010. No momento do acesso, 29 de novembro de 2010, foram disponibilizadas 199 páginas que permitiam recuperar,

³ O trabalho de Leite Júnior (2006) traz um aporte sócio-histórico relevante para se pensar os sujeitos tidos como desviantes, “anormais”, para uma dada sociedade em determinadas épocas, explorando questões ligadas, entre outras, à sexualidade.



por ordem cronológica decrescente, notícias em circulação desde março de 2009. Pelo trajeto percorrido na época, observou-se a presença de regularidades temáticas dos assuntos/eventos noticiados envolvendo sexo/sexualidade/órgãos genitais; sujeitos e ações tidos como desviantes/ilegais/criminosos, recordes, exageros, entre outros⁴.

Reunidas num conjunto, as notícias significavam, na editoria, um “mundo (à) parte”, o “fora” do social dentro dele mesmo. Os mecanismos eram similares aos que funcionam para o gênero notícia e a notícia como novidade. As características do evento ou o evento em si se repetiam. O que mudavam eram, recorrentemente, os sujeitos/objetos, o tempo e o espaço conteudísticos, mantendo-se características que significavam/representavam o “desvio” do social, no social.

O acesso ao conjunto dessas notícias, percorridas como um sistema de arquivo⁵, retornava um efeito de conjunto na produção/sustentação do bizarro. Por mais que notícias individualizadas na leitura pudessem levar a interrogar sobre o que, de fato, seria bizarro nesse funcionamento, o conjunto do material, conteudisticamente, expelia o bizarro como desvio da normalidade. Na época, o foco de entrada não foi para o corpo das notícias, mas para a relação títulos/subtítulos e fotos, como espécie de chamadas para a noticiabilidade, pelo sistema de recuperação do noticiado. Nessa composição, a imagem, como discurso, tendia a não sustentar ou suportar o bizarro requerido pelo texto verbal escrito. Além disso, o bizarro se produzia na contradição visibilizar (o supostamente desviante) e invisibilizar (o processo sócio-histórico de sua constituição; a memória discursiva). Para que o bizarro fosse sustentado era necessário superexpor certos elementos da/notícia e apagar/silenciar outros. Se o não-dito se expusesse ao dizer, o sentido de bizarro requerido pela/para a notícia não se sustentaria.

Para este texto, trago dois outros recortes reunindo duas notícias veiculadas no dia 25 de abril de 2011, também na Editoria Planeta Bizarro do G1. Desta vez, meu foco é para a construção noticiosa do bizarro na composição da notícia em seu conjunto: título, subtítulo, corpo textual, considerando a relação verbal e imagem.

Recorte 1

25/04/2011 - 14h30 - Atualizado em 25/04/2011 - 14h30

Vento interrompe gravação de notícia após levar boné de repórter⁶

Caso ocorreu em Palm Springs.

Cidade teve rajadas de ventos de 70 km/h.

Do G1, em São Paulo

A repórter Marissa Mike, da emissora KPSP Local 2, teve dificuldades para gravar uma notícia sobre os fortes ventos em Palm Springs, no estado da Califórnia (EUA), na semana passada. Com rajadas de ventos de 70

⁴ Sobre o *corpus* investigado, cf. Pimentel (2011).

⁵ Tomo o sentido de arquivo na perspectiva de Guilhaumou e Mالدidier (1997, p. 164) como aquele que “permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes”, não se reduzindo a um mero “reflexo passivo de uma realidade institucional”.

⁶ Link de acesso à notícia (escrita e *frames*): <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2011/04/vento-interrompe-gravacao-de-noticia-apos-levar-bone-de-reporter.html>.



km/h, a jornalista estava fazendo a reportagem em frente a um semáforo derrubado, mas o vento insistia em levar o boné que ela usava ([assista ao vídeo](#))⁷.

Em seguida, aparecem quatro *frames* de imagens acompanhados da seguinte legenda: “Marissa Mike teve dificuldades para manter o boné na cabeça. (Foto: Reprodução)”.

Frame 1 – a repórter aparece com o microfone na mão direita e o boné na cabeça.

Frame 2 – ela aparece sem o boné, com a cabeça abaixada, indicando estar se protegendo do vento. Parece segurar o boné.

Frame 3 – foto mais distante, dela, de lado.

Frame 4 – repórter de costas, saindo, supostamente, em direção ao boné. Há um círculo vermelho no *frame* em torno de um objeto negro no asfalto, possivelmente sinalizando ser o boné levado pelo vento. Com o curso do *mouse* nesse círculo, a legenda é reinscrita: “Marissa Mike teve dificuldades para manter o boné na cabeça. (Foto: Reprodução)”.

Recorte 2

25/04/2011 15h18 - Atualizado em 25/04/2011 15h20

Alérgica, britânica diz ter se alimentado com hambúrgueres na gravidez⁸

'Foi a única coisa que eu podia comer com segurança', disse ela.

Suzanne Franklin deu à luz um menino saudável com mais de 4,5 quilos.

Do G1, em São Paulo

A britânica Suzanne Franklin, de 23 anos, disse que se alimentou apenas com hambúrgueres durante sua gravidez por causa de alergias alimentares. Ela contou que era alérgica a tudo, de ovos e laticínios a frutas e legumes.

Na foto 1, ela aparece com o bebê no colo, sorridente, segurando uma caixinha contendo o hambúrguer Big Mac, em pose de clique para foto.

Legenda: “Suzanne Franklin disse que se alimentou apenas com hambúrgueres. (Foto: Worldwide Features/Barcroft Media/Getty Images)”.

Continuação da notícia:

No entanto Suzanne descobriu que podia comer hambúrguer "Big Mac". Apesar da preocupação sobre sua dieta incomum que poderia afetar o crescimento do bebê, Suzanne deu à luz um menino saudável com mais de 4,5 quilos.

"Foi a única coisa que eu podia comer com segurança durante a minha gravidez", disse ela, que mora em Dudley, na Inglaterra.

Na foto 2, ela está sozinha, sorridente, sentada, segurando o hambúrguer, posando para a foto.

Legenda – “Suzanne Franklin descobriu que podia comer hambúrguer 'Big Mac'. (Foto: Worldwide Features/Barcroft Media/Getty Images)”.

⁷ Informação e vídeo disponibilizados no texto original, presente no site.

⁸ Link de acesso à notícia (escrita e fotos): <http://g1.globo.com/planeta-bizarro/noticia/2011/04/alergica-britanica-diz-ter-se-alimentado-com-hamburgueres-na-gravidez.html>.



Os dois recortes apresentados possibilitam um rico trajeto de análise discursiva. Em virtude da imposição espacial, busco explicitar, brevemente, como o evento/sujeito em si não sustentam ou suportam, discursivamente, o sentido de bizarro a eles imposto, da forma como são noticiados.

No recorte 1, o incômodo inicial está em como está sendo dito na relação com o que está sendo dito. O bizarro não é o vento impossibilitar a gravação sobre ventos fortes, ilustrando isso com um boné que não para na cabeça da repórter, mas poderia gerar estranhamento o fato de a repórter usar boné para fazer gravação sobre ventos fortes, considerando que ventos não tão intensos podem produzir a mesma ação. A questão é que, no anseio de explorar o supostamente inusitado, a notícia é banalizada na superficialidade, para que o suposto sentido bizarro advenha.

O recorte 2 explora um caso de alergia alimentar, aliás, muito comum na atualidade entre mulheres grávidas e bebês. O bizarro é focado no único tipo de alimento que a mulher diz ter podido comer: hambúrguer. E, mais especificamente, num tipo de hambúrguer, *Big Mac*, produzido por uma multinacional que investe intensamente em publicidade. Observando na relação estrutura-acontecimento imagem e verbal, o bizarro extravasa na forma de noticiar o conteúdo focalizado, o que e como é focalizado. O funcionamento das imagens na relação com o texto verbal ecoa de forma publicitária ao extremo. O fazer bem na gravidez, condição esta que exige cuidados redobrados na alimentação e na qualidade desta alimentação, não derrubam questionamentos médicos e nutricionais acerca de lanches, como hambúrgueres, mas naturalizam o discurso da empresa sobre as propriedades nutricionais do lanche por ela produzido. O bizarro está, antes, em como a notícia reproduz esse discurso publicitário naturalizando-o como verdadeiro, pelo discurso jornalístico (não desprovido de resquícios publicitários em sua constituição), e sustentando-o na superficialidade dos fatos apresentados e no apagamento/silenciamento de outros que questionariam esse efeito de evidência da noticiabilidade e do fato/evento noticiado.

Considerações ao Percurso

Para além desses dois recortes, o conjunto dos materiais jornalísticos que estão sendo observados na construção de um *corpus* denso, aponta, até então, para um jogo de sentidos estanques, de extremos, que sustenta a ideia de veracidade jornalística no/pelo apagamento da contradição na/pela exposição dos contrários. O que se tem é uma “nova” roupagem para a notícia sensacional(ista) ao se desvincular mecanicamente o efeito sensacionalista da notícia em si para o fato/sujeito. O sentido de espetáculo se sustenta na ideia de espetacular, diferente, inusitado, extravagante, “fora do comum”, atribuídos ao fato/sujeito.

Há uma repetição da exposição do outro, presente ao longo da história de segregação dos sujeitos no estabelecimento de parâmetros de normalidade/civilidade, que funciona no campo da novidade, curiosidade, de modo que, ao significar assim, como efeito, não produza, supostamente, sentido de discriminação, desrespeito, ilegalidade, falta de ética, e também se explorem extravagâncias, excessos, como positivities. É na forma/conteúdo, inclusive na sua escassez,



superficialidade da abordagem, fragmentação do(s) fato(s), perspectiva vendável do título, que o bizarro, como aquilo que é noticiado, advém.

O bizarro possível é, assim, a notícia jornalística levada ao extremo do espetáculo na navegação, por um processo de negação/silenciamento da especificidade verbal e visual que compõem os acontecimentos, e de banalização na composição dessas materialidades na construção da notícia *webjornalística* sobre o bizarro.

Como acontecimento jornalístico⁹ é possível ter o bizarro *na* notícia. Como acontecimento discursivo¹⁰, o possível é o bizarro *da* notícia (relação estrutura e acontecimento). É ela que se caracteriza como bizarra, ao apagar especificidades dos sujeitos/objetos, eventos, superexpondo o “diferente” na negação do que não se pode dizer para que haja notícia, pois esse dizer, se exposto, tem o poder de refutar o bizarro construído.

REFERÊNCIAS

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Coord.) *Glossário de termos do discurso*: projeto de pesquisa. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

GUILHAUMOU, Jacques. MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Gestos de leitura*: da história no discurso. 2. ed. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. p. 163-187.

LEITE JÚNIOR, Jorge. *Das maravilhas e prodígios sexuais*: a pornografia “bizarra” como entretenimento. São Paulo: Annablume, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto*: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas, Pontes, 1997. Título original: *Discourse*: structure or event?, 1988.

PIMENTEL, Renata Marcelle Lara. Discurso bizarro midiático no noticiário do bizarro na mídia. In: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sonia Aparecida Lopes (Orgs.). *Estudos do texto e do discurso*: materialidades diversas. São Carlos: Pedro & João, 2011. p. 199-226.

PLANETA BIZARRO. *G1* – O Portal de Notícias da Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/planeta-bizarro>. Acessos em: 29 nov. 2010; 25 abr. 2011.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise de Discurso e Psicanálise*: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

⁹ Estou considerando como “acontecimento jornalístico” a noticiabilidade no seu nível enunciativo-jornalístico, que apresenta um fato/evento/sujeito como novidade conteudística.

¹⁰ O acontecimento discursivo é compreendido aqui na perspectiva pecheutiana, possível no “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1997, p. 17). Teixeira (2005, p. 180), com base em Pêcheux, compreende que se trata de “buscar um efeito de sentido no entrelaçamento do passado com o presente”. Assim, também Ferreira (2005, p. 11, grifo da autora), no *Glossário de termos do discurso*, apresenta o acontecimento discursivo como “ponto em que um **enunciado** rompe com a estrutura vigente, instaurando um novo processo discursivo. O acontecimento inaugura uma nova forma de dizer, estabelecendo um marco inicial de onde uma nova rede de dizeres possíveis irá emergir”. Daí, entendo não ser possível tratar a notícia (*web*)jornalística necessariamente como acontecimento discursivo.